EDIÇÃO VIRTUAL

Toques&Dados

Informativo do Sindados - MG - 08 de Outubro de 2024

Para reflexão:

VIAGEM AO CORAÇÃO DO CAPITALISMO FINANCEIRO

Por Panos Tsoukalis, em Sin Permiso Tradução: Eleutério Prado - Outras Palavras

No núcleo de um sistema que criou múltiplas formas de extrair a riqueza coletiva, há dois grupos de corporações: as Big Techs e as gestoras de ativos.
Como elas atuam em conjunto e por que isso é social e politicamente devastador?

O capitalismo mudou de tal forma que o rótulo "neoliberalismo" se tornou obsoleto.
A crescente proeminência econômica e política das grandes empresas de tecnologia e de gestão de ativos transformou o capitalismo contemporâneo de várias maneiras.
O mais importante é que ela trouxe a predominância da renda sobre o lucro, da apropriação sobre a produção.
Isso afetou a lógica fundamental da compreensão econômico-política da realidade social em curso, pondo em questão assim a própria sobrevivência do capitalismo.

O neoliberalismo está aí desde a década de 1980.
Desde então, o capitalismo passou por múltiplas crises e transformações.
Mais recentemente, ele suportou uma crise financeira global e uma pandemia que paralisou as cadeias de suprimentos e o comércio, trancou as pessoas em suas casas e devolveu o Estado à vanguarda da política econômica.

Há muitas maneiras de entender o termo neoliberalismo. Utilizo o conceito principalmente para me referir a duas coisas: em primeiro lugar, para apontar para uma era na história do capitalismo, que começa com as eleições de Margaret Thatcher no Reino Unido e Ronald Reagan nos Estados Unidos; em segundo lugar, para fazer referência à predominância de um pacote de políticas econômicas que inclui a liberalização do comércio internacional, a privatização dos serviços públicos e a flexibilização dos mercados de trabalho. Uma característica fundamental do neoliberalismo é que ele alimentou um processo que muitos chamam de "financeirização", ou seja, o crescente domínio do setor financeiro sobre o sistema econômico.

Alguns estudiosos parecem estar agora, cada vez mais, insinuando que o termo neoliberalismo se tornou inadequado.
O capitalismo mudou muito desde a década de 1980 e isso parece exigir uma conceituação diferente, que visa compreender a sua configuração contemporânea.
Ele tem sido diagnosticado de várias formas: "capitalismo de vigilância" (Zubboff, 2019), "capitalismo rentista" (Christophers, 2020), "capitalismo de plataforma" (Srnicek, 2017), "capitalismo de gestão de ativos" (Braun, 2022), "capitalismo canibal" (Fraser, 2022), ou "capitalismo de precariedade" (Azmanova, 2020). Ao fazê-lo, também se aponta para diferentes previsões sobre a possibilidade de transformação social progressiva. Varoufakis (2023) e Decano (2020) chegam ao ponto de sugerir que se deve perguntar se ainda é possível falar de capitalismo.

Se o neoliberalismo foi superado, como se deve entender a forma de capitalismo em que habitamos agora?
Neste artigo, argumento que qualquer resposta à pergunta sobre o que vem depois do neoliberalismo deve levar em conta a ascensão das grandes empresas de tecnologia e de gestão de ativos e, assim, o seu crescente controle sobre nossas vidas.
Vou me basear em duas conceituações que enfocam essas transformações do capitalismo contemporâneo, a saber, a de Yanis Varoufakis, que usa o termo "tecnofeudalismo", e a de Benjamin Braun, que emprega a expressão "capitalismo de gestão de ativos".

De fato, uma chave para entender a mais recente transformação do capitalismo contemporâneo pode ser encontrada na exploração dos vínculos entre o que Varoufakis chama de "capital-nuvem" (cloud capital) e as empresas gestoras de ativos, as quais, como argumenta Braun, se tornaram onipresentes.
Fazendo um pequeno desvio pela história do pensamento econômico, argumentarei que ambos esses fenômenos sugerem o mesmo, ou seja, que ocorreu já um triunfo da apropriação sobre a produção e, em consequência, da renda sobre o lucro. Sendo assim, as dúvidas sobre a sobrevivência do capitalismo parecem realmente justificadas.

Tecnofeudalismo

Em Tecnofeudalismo: o que matou o capitalismo (2023), Varoufakis argumenta que o uso da inteligência artificial e das redes digitais e algorítmicas transformou a natureza e o poder de certos bolsões de capital. Ou seja, surgiu uma nova forma de capital – a qual ele chama de "capital-nuvem" – que tem o poder de subjugar a produção capitalista às suas próprias necessidades e lógica.
A produção ainda é capitalista, no sentido de que se baseia nos meios de produção privados e na exploração

do trabalho assalariado, mas ela está integrada agora por meio de uma estrutura tecnofeudal (voltarei a essa questão na última seção). Enquanto o capital tradicional (ou "capital terrestre", como o chama Varoufakis) só pode explorar trabalhadores, o capital-nuvem também pode explorar os consumidores, bem como outros capitalistas que não possuem capital-nuvem.
Isso adiciona uma camada adicional não apenas à hierarquia de estratificação econômica do capitalismo, mas também à hierarquia social de poder e controle.

Como afirma Varoufakis, os consumidores são explorados porque seu tempo de lazer está sendo explorado pelas "big techs" para obter lucro. O tempo de lazer gasto pesquisando no Google, interagindo com Alexa, postando no Instagram ou navegando pelo TikTok foi instrumentalizado para acumulação de capital na nuvem.
Contudo, os consumidores não obtêm nenhum valor extra desse seu "trabalho".

Uma grande parte dos dados pessoais que compartilhamos em todas essas plataformas acaba formando o que Shoshana Zuboff (2019) chama de "excedente comportamental" (ou seja, o excedente de dados sobre o comportamento do consumidor acumulados acima do necessário para melhorar a experiência do consumidor).
Esse excedente é vendido aos anunciantes na esperança de não apenas prever, mas também afetar nosso comportamento futuro.

Varoufakis ressalta que toda vez que interagimos com um servidor digital, como o Alexa, treinamos seu algoritmo para que ele reconheça os nossos hábitos e preferências e possa nos oferecer "boas" recomendações.
Mas no final chega um momento, depois de uma inevitável geração de confiança, em que a Alexa começa a explorar o nosso perfil de consumidor para mudar os nossos hábitos e preferências, promovendo produtos que de outra forma não compraríamos.
Nesse ponto, não está mais claro quem treina quem, quem é o mestre e quem é o servo.

Em suma, a produção de capital na nuvem depende não apenas do trabalho assalariado (de pessoas diretamente empregadas por empresas como Google ou X), mas também do trabalho não remunerado dos consumidores.
Consequentemente, enquanto empresas capitalistas tradicionais como General Motors e General Electric gastam cerca de 80% de sua receita em salários, as grandes empresas de tecnologia acabam gastando apenas cerca de 1%. Esse modo de produzir que recorre ao trabalho não assalariado é aquele que fornece uma semelhança com a ordem feudal.

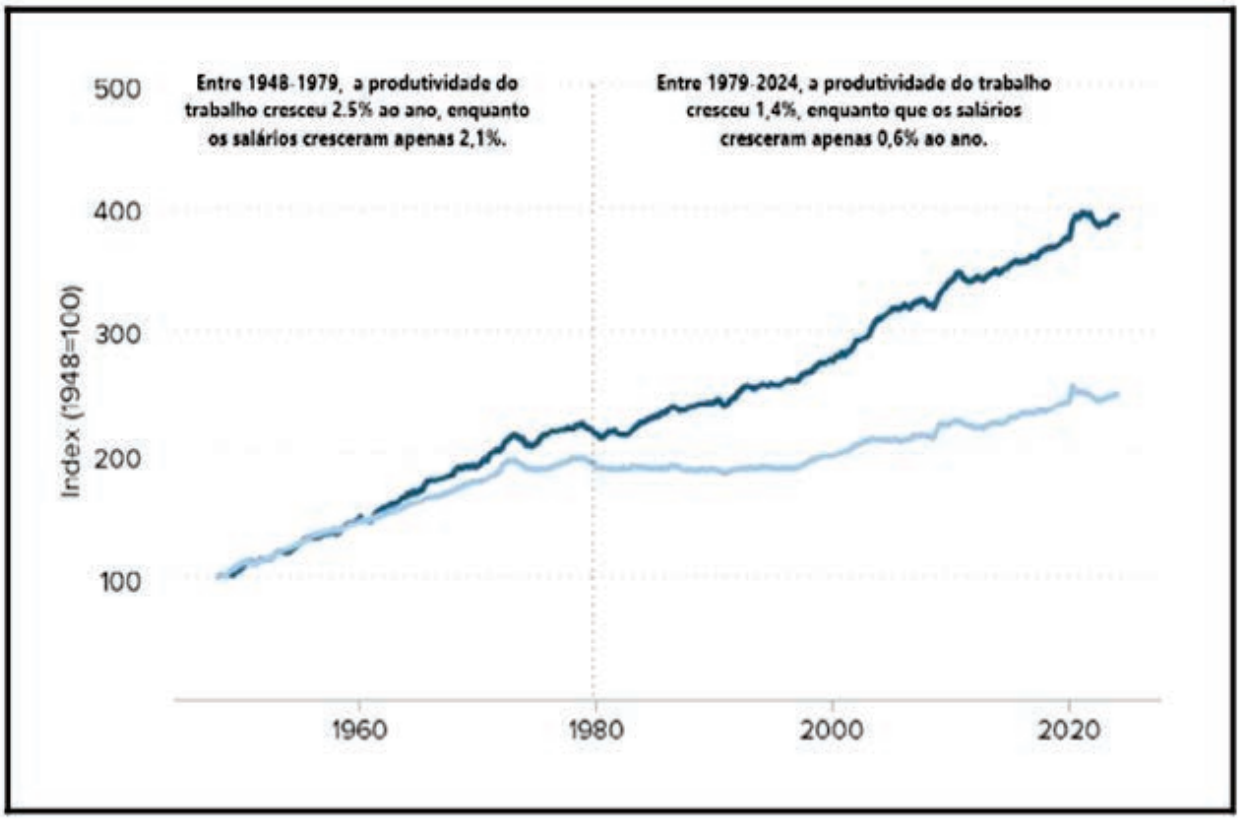
O capital-nuvem também tem a capacidade de explorar outros capitalistas que não o possuem, substituindo mercados por feudos formados pela própria nuvem.
Varoufakis argumenta que plataformas de comércio eletrônico como a Amazon não se constituem propriamente como mercados.
Para ele, os mercados são instituições públicas que hospedam interações espontâneas e descentralizadas entre consumidores e produtores.

Em vez disso, os feudos-nuvem isolam o comprador do comprador, o vendedor do vendedor, de modo que apenas o algoritmo tem o poder de conectá-los.
Entrar na Amazon é como entrar em uma cidade onde tudo pertence e é controlado por uma única pessoa, ou seja, por Jeff Bezos.
Ao contrário da natureza pública e aberta dos mercados, isso descreve um arranjo institucional privatizado por meio de um processo de centralização.

Isso permite que os proprietários do capital-nuvem exijam comissões excessivas (até 40% no caso da Amazon) de outros capitalistas para que eles possam acessar o feudo tecnológico, pagando o que Varoufakis chama de "aluguéis da nuvem".
Quanto ao efeito do capital-nuvem sobre os trabalhadores, Varoufakis mostra que sua capacidade de supervisão e controle total leva a uma exploração ainda maior do trabalhador, mais até do que aquela que o capitalista tradicional poderia fazer.
Isso se mostra bem nos armazéns da Amazon, onde a tecnologia portátil e os algoritmos trabalham incansavelmente para otimizar os processos de embalagem e, assim, para espremer os trabalhadores do armazém ao ponto de levá-los ao colapso.
Em vez de responder a um chefe, os trabalhadores respondem a um algoritmo que rastreia todos os seus movimentos.
Como resultado, não apenas eles são forçados a trabalhar mais, mas sua capacidade de ação coletiva para salvaguardar as condições mínimas de trabalho (como o direito de ir ao banheiro) é significativamente diminuída.

No contexto do neoliberalismo, isso implica numa grande perda de poder por parte dos trabalhadores, e esse padrão tem ficado muito evidente nas últimas décadas.
Desde a década de 1980, os ganhos de produtividade beneficiaram quase exclusivamente os empregadores nos EUA, enquanto os trabalhadores viram seus salários reais estagnarem, se não diminuírem.

Veja-se o gráfico abaixo produzido pelo Economic Policy Institute, em 2024.
Ele mostra a crescente diferença entre a produtividade dos trabalhadores e a remuneração salarial nos EUA (1984-2024).



Nancy Fraser (2022) chama esse fenômeno de ascensão do "trabalhador híbrido", um trabalhador que é ao mesmo tempo explorado e expropriado. Seguindo Marx, Fraser entende que a exploração capitalista ocorre porque o empregador paga um salário que cobre apenas os custos necessários de reprodução do trabalhador, mas fica com a maior parte do valor gerado, na forma de mais-valor (na forma do lucro).

No entanto, afirma Fraser (2022), a expansão da dívida permitiu que os empregadores pagassem ainda menos aos trabalhadores.
Ou seja, muitos trabalhadores sob o neoliberalismo recebiam menos do que precisavam para sobreviver como trabalhadores ativos, o que os levava a se endividarem cada vez mais. Assim, além de explorado, ele passou a ser também expropriado.
A isso, Varoufakis (2023) acrescenta que a chegada do capital-nuvem piora ainda mais as coisas devido à sua maior capacidade de vigilância e controle que, juntamente com o endividamento, torna o trabalho dos trabalhadores ainda mais expropriáveis.

Varoufakis afirma que a chegada do capital-nuvem implica a impossibilidade da social-democracia, pelo menos tal como foi concebida no final do século XX. Pois, não se sabe bem como é possível regular as plataformas das "big techs".
A regulamentação de preços é impossível, pois elas oferecem seus produtos gratuitamente; por outro lado, a regulamentação antitruste é difícil de aplicar, já que a lógica das plataformas consiste em sua capacidade de realizar economias de escala.
Seja uma plataforma de aluguel de apartamentos ou uma plataforma de aluguel de táxi, o principal produto que uma plataforma oferece a compradores e vendedores é o acesso a uma ampla rede de compradores e vendedores.
Na maioria dos casos, uma plataforma pequena oferece sempre um produto ruim.
Além disso, sob o capitalismo de vigilância, os trabalhadores são monitorados de perto para impedir sua ação coletiva; ademais, enquanto consumidores, eles ficam fisicamente isolados, o que dificulta a organização de boicotes.
Ainda assim, o recente sucesso do sindicato dos trabalhadores da Amazon nos EUA e os boicotes dos consumidores à Starbucks, Pizza Hut e McDonald's mostram que nem toda esperança foi perdida.

De fato, Varoufakis argumenta que essas barreiras podem ser superadas por uma grande coalizão de trabalhadores, consumidores e pequenos capitalistas que não possuem capital-nuvem (por exemplo, o restaurante ou o bar de bairro, cujos lucros são reduzidos por taxas exorbitantes cobradas pelo Uber Eats).
Tudo isso mostra que é preciso pensar além das estratégias tradicionais da política progressista; ele sugere que é preciso gerar um engajamento que chama de "mobilização em nuvem" – isto é, seria necessário usar os recursos da nuvem contra o próprio capital-nuvem.

Continua na próxima edição...

Assembleia
Dia: 10/10/2024 - Hora: 13h30
Pauta: Data Base Setembro - Discussão e deliberação sobre a proposta de acordo.
Participe!

QUADRO DE AUDIÊNCIAS

Partes		Processo	Audiência		
Reclamante	Reclamado	Numeração	Data	Horário	Local
Sindados MG	Squadra Tecnologia	0010363-27.2024.5.03.0186	16/10/2024	15:15	Videoconferência
Sindados MG	Samba Mobile	0010567-89.2021.5.03.0020	22/10/2024	08:30	Videoconferência
Sindados MG	BS Tecnologia	0010878-11.2024.5.03.0106	23/10/2024	08:20	Videoconferência
Sindados MG	Launch Pad (Hotmart)	0010845-12.2024.5.03.0109	23/10/2024	09:00	Videoconferência
Sindados MG	Globalweb	0010809-49.2024.5.03.0018	25/10/2024	08:40	Videoconferência
Sindados MG	Aliança Tecnologia	0010303-91.2024.5.03.0109	18/11/2024	10:20	Videoconferência
Sindados MG	M.I. Montreal	0010637-13.2024.5.03.0114	28/11/2024	09:30	Videoconferência
Sindados MG	UOL DIVEO	0010753-18.2024.5.03.0179	12/12/2024	08:55	Videoconferência
Sindados MG	Stefanini	0010781-32.2024.5.03.0002	11/02/2025	09:45	Videoconferência
Sindados MG	NPO Sistemas	0010869-47.2024.5.03.0139	18/03/2025	11:00	Videoconferência
Sindados MG	Mundo Wap	0011638-22.2023.5.03.0032	26/03/2025	10:30	4ª Vara do Trabalho de Contagem MG
Sindados MG	Curupira S.A.	0010307-13.2024.5.03.0018	02/04/2025	15:30	Videoconferência
Sindados MG	Sympla Internet	0010348-04.2024.5.03.0010	06/08/2025	09:30	Videoconferência